NÓS POR CÁ

Mártires do século XXI

D. Nuno Brás

Temos habitualmente a percepção de que os mártires são exclusivos do início do cristianismo ou do tempo das descobertas. Pensamos que, agora, no século XXI, com todas as evoluções e tolerâncias, já ninguém mata por causa da fé — e que já ninguém é capaz de morrer (ou precisa de morrer) por causa da fé!

Não é verdade. No passado Domingo, juntamente com responsáveis de outras Igrejas e comunidades cristãs, o Papa Leão celebrou a memória daqueles que, apenas nestes primeiros 25 anos do nosso século, deram a vida como testemunho da verdade de Jesus e da fé cristã. O número é surpreendente: 1.734 mártires!

À partida, poderíamos julgar que eram, sobretudo, missionários que tinham partido para terras longínquas. Contudo, apenas 110 eram missionários originários do mundo ocidental. A África é hoje a grande terra dos mártires (643); segue-se a Ásia (357), a América (304) e o Médio Oriente (277). E se julgamos que a Europa se encontra fora destas estatísticas, enganamo-nos: 43 foram os europeus que, nesta por vezes dita "cristianíssima Europa", foram mortos por causa da fé em Jesus, desde o ano 2000 para cá!

"Mulheres e homens, religiosos e religiosas, leigos e sacerdotes, que pagaram com a vida a fidelidade ao Evangelho, o compromisso com a justiça, a luta pela liberdade religiosa onde ela ainda é violada, a solidariedade com os mais pobres", disse o Papa durante a celebração. E acrescentou: "Segundo os critérios do mundo, eles foram derrotados. Na realidade, como nos diz o Livro da Sabedoria: «Se aos olhos dos homens foram castigados, a sua esperança estava cheia de imortalidade» (Sab 3, 4)".

O seu sangue continua, para a eternidade, a proclamar a verdade da fé!

"Mulheres e homens, religiosos e religiosas, leigos e sacerdotes, que pagaram com a vida a fidelidade ao Evangelho".

Domingo XXV do Tempo Comum

EVANGELHO (Lc 16, 10-13)

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: «Quem é fiel nas coisas pequenas também é fiel nas grandes; e quem é injusto nas coisas pequenas também é injusto nas grandes. Se não fostes fiéis no que se refere ao vil dinheiro, quem vos confiará o verdadeiro bem? E se não fostes fiéis no bem alheio, quem vos entregará o que é vosso? Nenhum servo pode servir a dois senhores, porque, ou não gosta de um deles e estima o outro, ou se dedica a um e despreza o outro. Não podeis servir a Deus e ao dinheiro».

PEDRAS VIVAS

SUPLEMENTO SEMANAL DO JORNAL DA MADEIRA
WWW.JORNALDAMADEIRA.COM | DIRETOR: GISELO ANDRADE | 21 DE SETEMBRO DE 2025 | NÚMERO 237

DR

"Coração aberto à ação do Espírito Santo"

Padre Paulo Sérgio é o novo assistente diocesano do RCC

O Renovamento Carismático Católico da Diocese do Funchal retomou as suas assembleias semanais com a tomada de posse do novo assistente eclesiástico, o padre Paulo Sérgio Cunha Silva. A celebração decorreu na passada quarta-feira, 17 de setembro, e foi presidida pelo vigário geral, cónego Marcos Gonçalves e concelebrada pelo padre Alexandre Henriques, ofm, anterior assistente do movimento.

Na sua intervenção, o padre Paulo Sérgio destacou que acolhe este serviço com "grande alegria e grande humildade", sublinhando que a missão não lhe pertence, mas é fruto da ação do Espírito Santo: "Sei que não é uma missão minha, mas uma obra do Espírito Santo que age em nós e através de nós". Neste contexto, o novo assistente apontou a centralidade da ação do Espírito Santo na vida da Igreja: "O Espírito Santo é quem nos impulsiona, é quem nos dá coragem e ousadia para anunciar o Evangelho, com a mesma alegria dos discípulos, para rezar com confiança como Jesus e para servir com generosidade", declarou.

"Desejo caminhar com cada um de vós no espírito de comunhão e unidade"

Por fim, deixou uma mensagem de proximidade ao movimento e aos fiéis. "Desejo caminhar com cada um de vós no espírito de comunhão e unidade, procurando sempre ouvir a voz do Senhor e discernir a sua vontade para este movimento e para a vida da Igreja. Que possamos juntos manter o coração aberto à ação do Espírito Santo", concluiu. G.A.

A primeira entrevista

P. Giselo Andrade

Depois de quatro meses de pontificado, o Papa Leão XIV concedeu a sua primeira entrevista. O diálogo foi realizado com a jornalista norte-americana Elise Ann Allen, correspondente do portal Crux em Roma, e publicado em livro no Peru. As manchetes que rapidamente circularam destacaram os temas mais sensíveis: a questão LGBTQ+, o papel das mulheres e o futuro da liturgia.

Não tive acesso ao texto integral, mas pelas citações publicadas no Crux e no Vatican News percebe-se a tensão do momento atual. Leão XIV quer dar continuidade ao estilo pastoral de Francisco, baseado no acolhimento, mas sem promover a "polarização na Igreja" criada por certos temas. "As pessoas querem que a doutrina da Igreja mude, querem que as atitudes mudem. Acho que temos de mudar as atitudes, antes mesmo de pensar em mudar o que a Igreja diz sobre qualquer questão específica", referiu o Papa.

Por um lado, reafirmou a valorização das mulheres em cargos de liderança e disse que "todos, todos, todos são filhos e filhas de Deus", sublinhando que ninguém pode ser reduzido à sua identidade sexual. Ao mesmo tempo, foi claro quanto aos limites: "Mudanças doutrinárias sobre matrimónio ou sexualidade são altamente improváveis no futuro próximo", disse. E, quanto às mulheres, recordou que a ordenação sacerdotal "não está em causa", acrescentando que antes é necessário aprofundar o diaconado permanente.

A liturgia foi outro dos temas centrais. Leão XIV não escondeu a sua preocupação: "Alguns utilizam a Missa em latim como bandeira ideológica, algo muito desagradável". Também aqui apontou o caminho sinodal como método para resolver divisões: "Devemos sentar-nos à mesa, também com os que preferem o rito tradicional, e encontrar soluções juntos".

Não será fácil este equilíbrio entre pastoral e doutrina, entre tradição e atenção à realidade atual. Como fará isso? Tudo indica que a resposta estará na sinodalidade: na escuta e no diálogo, no sentar-se à mesa e na construção de pontes. Esse parece ser o grande desafio que marcará os primeiros passos de Leão XIV.●

Missa de Abertura do Ano Pastoral na Sé

A Diocese do Funchal vai dar início ao novo Ano Pastoral 2025/2026 com a celebração da Missa de Abertura, no próximo domingo, 28 de setembro, pelas 18 horas, na Catedral. A convocatória, assinada pelo vigário geral, cónego Marcos Gonçalves, convida toda a comunidade diocesana a participar neste momento de unidade, sublinhando que esta Missa será "um ponto de partida de um ano em que somos chamados a crescer na fé, na corresponsabilidade e no ardor missionário". O vigário geral recorda ainda que a celebração constitui um sinal de comunhão diocesana, sustentado pela proteção da Virgem Maria, "Mãe da Esperança".

O tema que orientará o caminho da Diocese neste novo ano, apresentado pelo bispo do Funchal, D. Nuno Brás, é "Formar cristãos leigos para a missão na Igreja e no mundo". Trata-se de uma proposta que, segundo o prelado, valoriza a vocação laical como presença transformadora no seio da Igreja e da sociedade.

Na mensagem para o novo ano pastoral, D. Nuno Brás aponta como desafio central a formação dos leigos, chamando-os a assumir o seu lugar na vida comunitária e no testemunho no mundo. "Àqueles que ainda não reconhecem Jesus presente, o cristão anuncia: 'É o Senhor'", escreveu o bispo, destacando a necessidade de ganhar "os olhos da fé" para descobrir e anunciar a presença do Ressuscitado.

O programa diocesano prevê iniciativas a nível paroquial, arciprestal e diocesano, desde a criação de conselhos pastorais e económicos, até à dinamização de grupos de formação bíblica e espiritual. A celebração de abertura, na Sé, marcará assim o arranque de um percurso pastoral que se inscreve também no espírito jubilar que a Igreja vive até dezembro de 2025.●

Caniço celebrou a Festa do Imaculado Coração de Maria

Foto: Duarte Gomes

Luísa Gonçalves

A comunidade paroquial do Caniço viveu, na segunda-feira, 15 de setembro, a festa em honra do Imaculado Coração de Maria. A Eucaristia solene foi presidida por D. Nuno Brás, bispo do Funchal, e contou com a presença do pároco local, Cónego Rui Pontes e de uma assembleia numerosa de fiéis que encheu por completo a igreja paroquial.

Na sua homilia, o prelado refletiu sobre a vida pública de Jesus, lembrando as incompreensões que enfrentou: "Como deve ter sido difícil para Jesus viver no meio do seu povo, amar e ser tão mal correspondido. Fez milagres, pregou o Evangelho, mas muitos dos seus contemporâneos procuravam apenas um líder político ou militar. Não compreenderam a sua missão. Quantas vezes Jesus teve de se afastar porque queriam fazê-lo rei, quando Ele tinha vindo para servir e dar a vida."

A partir do Evangelho, o prelado apresentou o Imaculado Coração de Maria como modelo de vida cristã: "Maria foi a primeira discípula, a peregrina da esperança. Disse o seu "sim" a Deus com todo o seu coração, mesmo sem saber exatamente o que iria acontecer. O seu Coração Imaculado é o coração de mãe que aprende com o Filho, que se deixa moldar pelo Seu amor e que, ao pé da cruz, permanece fiel. Assim deve ser também o coração do cristão: aberto, disponível e sempre em caminho."

Recorrendo a uma imagem concreta, comparou o pecado a uma doença do coração: "O pecado é uma arritmia espiritual. É quando o nosso coração bate ao ritmo do egoísmo, das ilusões do mundo ou dos nossos caprichos, em vez de bater ao ritmo de Deus. Precisamos de treino diário, como quem aprende a tocar um instrumento: disciplina, paciência e perseverança. Só assim o nosso coração aprende a viver em sintonia com o Coração de Maria e o de Jesus."

O bispo diocesano concluiu a sua homilia convidando à oração: "Peçamos a Nossa Senhora que nos ajude a deixar o egoísmo e a viver totalmente para Deus e para o próximo. Que o nosso coração seja capaz de bater ao ritmo do Seu Coração Imaculado e ao ritmo do Coração de Jesus.".●

33 jovens crismados no Estreito da Calheta

No passado domingo, 14 de setembro, a comunidade paroquial do Estreito da Calheta celebrou a Confirmação de 33 jovens, numa Eucaristia presidida por D. Nuno Brás, Bispo do Funchal, e concelebrada pelo pároco, Pe. Rui Sousa. Perante uma igreja repleta de familiares, amigos e catequistas, o prelado destacou que a cruz "não é sinal de morte, mas de vida", sublinhando que cada crismando é chamado a assumir a fé da Igreja, recebida dos Apóstolos, como testemunho de vida.●

Foto: Duarte Gomes